

## A RELIGIOSIDADE POPULAR NA LITERATURA DE DALCÍDIO JURANDIR: PAJELANÇA E CATOLICISMO POPULAR EM “MARAJÓ”

Rogério Fonseca de Freitas (G-UFPA)

Orientador: João Paulo M. Gonçalves

### Resumo

O presente artigo pretende analisar a religiosidade popular na literatura de Dalcídio Jurandir no romance *Marajó*, no qual intenciona pesquisar, entre outros aspectos, o caráter religioso individual e coletivo. Paralelo ao catolicismo a obra analisada aborda também outro tema marcante na literatura nacional "a pajelança", especialmente nas obras da região norte. O trabalho busca, por meio de pesquisas bibliográficas, identificar e analisar a presença dos saberes religiosos inseridos na ficção dalcidiana. Desse modo, procura-se interpretar o texto literário a partir de estudos antropológicos e da Estética da Recepção. A base teórica do trabalho se fundamentou, sobretudo, aos estudos dos autores como Charles Wagley e Eduardo Galvão. O intuito aqui não é divulgar, defender ou exaltar, mas, sobretudo, entender por que este tema é muito recorrente, em particular, na obra dalcidiana. Torna-se, imprescindível, portanto, questionar: o que é "pajelança" e o que ela representa para os personagens deste romance? Qual a importância dos pajés ou curandeiros? Como atuam os pajés?

**Palavras-chave:** *Marajó*. Religiosidade. Dalcídio. Catolicismo. Pajelança

### 1 INTRODUÇÃO

A investigação do homem sobre o que ele é, de onde vem e para onde vai, perpassa os tempos, parece mesmo não haver resposta definitiva. O que não deixa dúvida é que as indagações continuarão surgindo. Com a leitura da obra *Marajó* de Dalcídio Jurandir, acaba-se por formular novas perguntas. *Marajó* é bem mais que um livro, é um acervo antropológico dissimulado de romance. Dentre todo um vasto conjunto de temas nele existente, este trabalho focaliza a religiosidade popular no que tange o porquê do catolicismo tão forte na região norte nos povos ditos "ribeirinhos ou caboclos", em particular nos envoltos do *Marajó*, a perduração da credence cultural passando de pais a filhos desde as primeiras gerações que parece não se perder com o passar dos tempos, o culto aos santos e santas que desde a colonização povoa a mente dos homens e mulheres que buscam num ser supremo o resguardo de viver bem, em paz, longe das doenças, das pragas, castigos ou mesmo das tentações diabólicas que insistem testar os fracos de força espiritual e fé, embora entre os homens existam aqueles que vivem na incredulidade. Acreditando ou não na existência do Onipotente, o homem vai construindo sua bagagem cultural desde pequeno dentro da família, da comunidade.

A obra *Marajó* adentra o íntimo do homem revelando o poder que os ídolos têm sobre o ser humano que desde pequeno passa adorá-los e cultuá-los; a reciprocidade entre adorador e adorado cresce à medida que as graças são recebidas. Os pagamentos de promessas são as provas de que o

homem carrega uma fé exorbitante na intercessão dos santos junto a Deus na tentativa de uma bênção ou uma graça celestial advinda dos céus. Incentivado pelo medo de um castigo divino o caboclo mostra-se frágil sem um santo para protegê-lo, vigiá-lo. O catolicismo popular apresenta-se forte desde a colonização portuguesa na região Norte, as pessoas do baixo Amazonas aprenderam a cultivar a fé, é uma confiança crescente e pertinente que mesmo quando os santos não atendem as súplicas, o homem ajuda o homem, entram em cena os pajés e curandeiros realizando curas com seus ritos tradicionais, ajudados por seus companheiros espirituais. Ao mergulhar na história marajoara com o foco voltado para a religiosidade tanto do catolicismo quanto da pajelança, vai-se perceber que ambos caminham juntos e são cercados de semelhanças e diferenças. Do alto ao Baixo Amazonas, mediante estudos e pesquisas, nota-se que a obra Marajó é de fato um estudo antropológico revelando a realidade da região marajoara de caráter religioso, do vínculo supersticioso, da inegável credence nos pajés. Este artigo, então, vem expor a ótica de Dalcídio Jurandir voltada para o ponto de vista dos habitantes da região marajoara quanto aos elementos que compõem o catolicismo popular e a relevância no poder dos pajés.

## 2 BIOGRAFIA DO AUTOR



Fonte: [www.goolge.com](http://www.goolge.com)

Romancista e jornalista, considerado pela crítica como o maior escritor da literatura amazônica, Dalcídio Jurandir, paraense, nasceu no dia 10 de janeiro de 1909, na Vila de Ponta de Pedras, Ilha do Marajó. Filho de Alfredo do Nascimento Pereira e Margarida Ramos.

Aos 20 anos de idade, Dalcídio Jurandir, foi convidado por seu amigo Raynero Maroja, e nomeado por ele, na época, Intendente Municipal de Gurupá, no Baixo Amazonas, Secretário Tesoureiro da Intendência Municipal, chegando a Gurupá, em outubro de 1929. Neste período, ele escreveu sua primeira versão de “Chove nos Campos de Cachoeira”, romance de estreia na literatura paraense. Seu profundo conhecimento da vida da cidade e do grande círculo de amigos que conhecera foi relevante tanto para Charles Wagley quanto para Dalcídio, pois foi ele quem apresentou o autor da obra "Uma Comunidade Amazônica" - Charles Wagley - aos moradores da



cidade a qual o autor de maneira fictícia nomeou de "Itá". Foi vencedor de vários prêmios, viajou por muitos países. Mas teve seus momentos de enfrentar óbices difíceis. Foi preso por duas vezes, uma, em 1936, e a outra, no ano seguinte pela sua militância no partido comunista.

Em 1956 trabalhou na redação do semanário "Para Todos", sob a direção de Jorge Amado, por este é apresentado a edição russa do livro "Linha do Parque" lançado em Moscou em 1962. Em 1970 concluiu Ribanceira, último romance da série Ciclo do Extremo Norte. "**Marajó**" é seu segundo romance, foi editado pela Livraria José Olympio Editora em 1947, sendo tão aclamado pela crítica considerado importante documento etnográfico e sociológico, além de suas qualidades como obra humana e literária.

Faleceu no dia 16 de junho, na cidade do Rio de Janeiro, com a doença mal de Parkinson, que a considerava cruel, pois afetava o que era sua única riqueza: o cérebro. Foi homenageado pelo prefeito do Rio de Janeiro, Israel Klabin, ao dar seu nome a uma rua da Barra da Tijuca. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São João Batista – Botafogo – RJ.

## 2.1 Vida e Obra

Tecer elogios, ou simplesmente falar de Dalcídio Jurandir requer um vocabulário retórico com inúmeros adjetos, que ainda assim, seriam incapazes de caracterizá-lo primorosamente; delatara vida e a obra deste autor seria uma exigência muito maior, visto que, não se trata de um personagem, uma criação. Para Pacheco ele é

um dos maiores literatos paraenses, nascido no início do século XX, teve como palco de suas criações os "Marajós", Belém e seus bairros empobrecidos. Ecoou como uma voz que, durante cinco décadas (1929 a 1979), em escritos carregados de uma poética das conflituosas vivências na região, denunciou, em romances e artigos jornalísticos, o abandono, a exploração social, a perene dificuldade enfrentada, historicamente, pelas populações locais, situadas nos mais diferentes espaços, constituintes de paisagens físicas e culturais do imenso arquipélago. A trajetória de Jurandir centrou-se, com grande ênfase, no "Marajó dos Campos". Por isso, sua literatura traz um número muito grande de representações daquele universo. Fala de tempos de cheias, quando as águas do oceano invadem a paisagem, encharcando em prolongado período os campos; fala de tempos de secas, quando o Amazonas expulsa as águas salgadas do mar tenebroso, decretando sua fase de reinar. Nesses distintos tempos, vaqueiros, agricultores, pescadores, trabalhadores do rio e da terra reorganizam suas vidas. O tempo do trabalho, do plantio, da colheita, do festar tem as marcas dessa inextrincável relação cultura/natureza. (PACHECO, 2009, p. 7)

Quanto a produção dalcidiana (PRESSLER) diz que

Falar sobre a obra de Dalcídio Jurandir significa não só rever a escrita da história da literatura brasileira – pensando no termo "atualização" (Walter Benjamin) e na Estética da Recepção (H.R.Jauss) – mas também ser consciente das

particularidades da obra: a estrutura do romance moderno. [...] Jurandir foi um leitor atento e apaixonado do romance do século XIX, particularmente do romance russo. Envolvido com o ideal da “objetividade” do estilo realista/naturalista, mas sensível ao mundo subjetivo e psicológico de Dostovieski, Jurandir busca seu próprio caminho na poesia do “dar a ver” (João Cabral de Melo Neto), criando na sua obra uma visibilidade externa (*Chove nos campos de Cachoeira*, *Três Casas e um Rio*, *Marajó*, etc. Podemos chamar todos os títulos do “Ciclo do Extremo Norte”), por “necessidade” cultural-ideológica (o programa literário) e uma visibilidade interna (humana, universal), na verdade, em busca de uma terceira visibilidade; a mais característica a visibilidade poética, a da palavra. (PRESLLER, 2007, p.1 )

Goulart ao referir-se a *Chove nos campos de Cachoeira* e *Marajó* faz o seguinte juízo de valor:

são narrativas que sabem urdir uma trama a que se agrega uma série de valores diferenciados como as relações humanas, a situação limítrofe que marca a passagem da animalidade à humanidade, a grandiosidade e a miséria do ser, a eterna provisoriedade de que o homem tenta, inutilmente, escapar, o mundo de magias e prodígios que a região amazônica oferta à nossa contemplação, os mitos fundadores e suas transformações experimentadas ao longo dos tempos, enfim, há um painel fulgurante que emoldura ações e emoções das personagens desses dois livros essenciais. (GOULART, 2007, p. 2-3.

Nos comentários direcionados e falas sobre Dalcídio Jurandir partindo tanto de amigos, professores, pesquisadores, autores, críticos, percebe-se mudança das palavras, dos adjetivos, mas a significação, como vimos, enxerta-se de efeitos positivos. Em suas obras fez questão de demonstrar também ter sido um leitor assíduo e atento. O que chama atenção, no entanto, é o fato de mesmo ele tendo produzido um *Ciclo* de obras que compõem o Ciclo do Extremo Norte que vai de "*Chove nos campos de Cachoeira* (1941)" à *Ribanceira* (1978), revelando-se indiscutível mestre da palavra, de nossa língua e linguagem envolto a riqueza cultural de suas obras, não foi dado a ele a retribuição merecida pela crítica literária nacional, apesar de ter alcançado prêmios significativos como os nacionais promovido pelo jornal Dom Casmurro e pela Editora Vecchi (1940) e o prêmio Machado de Assis promovido pela Academia Brasileira de Letras (1972).

Independente da classificação dada à Dalcídio Jurandir ou se vai ser reconhecido nacionalmente ou mesmo internacionalmente como merece, certamente, qualquer estudioso, pesquisador, leitor encontrará infinitas formas para descrevê-lo, pois foi um eclético trabalhador, desempenhou inúmeras funções, enfrentou dificuldades, não esmoreceu, tinha objetivos e deles nunca desistiu, construiu uma literatura considerada antropológica, deixando-nos uma coleção de trabalhos que é um mergulho na história do baixo amazonas, do povo que ali habita, que nos remete a olhar a vida paraense por outro ângulo, sem sair do lar e nem entrar em uma máquina do tempo. Ler Dalcídio Jurandir é experimentar uma viagem diferente onde os olhos são os meios pelos quais



trazem as imagens dantes de uma região extensa, mista de cultura, é encontrar a história, a religião, a magia, dentro da literatura de um homem, de um só autor.

Alguns estudiosos são mais sucintos e abrangentes em suas palavras ao tecer elogios à obra Marajó deixando claro que não é somente um autor paraense, regional, mas sim um escritor equiparado aos de nome reconhecido no cenário nacional brasileiro. Um exemplo claro é o que diz Goulart

Quero terminar dizendo que, para mim, as considerações feitas têm uma dupla funcionalidade. Primeiro, parece-me que elas servem para justificar o enquadramento de *Marajó* na saga do Extremo Norte. Em segundo lugar, e principalmente, elas servem para mostrar um mundo que não se costuma ver com frequência, ou porque ele passa longe da vista da maioria das pessoas, ou porque, às vezes, é mais cômodo fechar os olhos a ele. Contra isso se insurge a narrativa de Dalcídio, espécie de epopéia que não quer calar uma realidade sobre a qual é preciso fazer incidir uma visão crítica. Daí, aplicarem-se ao livro, de modo muito pertinente, as palavras de Nietzsche, no seu estudo sobre a tragédia: “Tudo o que existe é justo e injusto, e em ambos os casos igualmente justificáveis”. Isto é que é um mundo! A isto é que se chama um mundo! (GOULART, 2007, p. 10)

### 3. A TRADIÇÃO DA LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA

É inviável imaginar uma Literatura Amazônica sem os traços que permeiam essa região desde a gênese da colonização portuguesa como as lendas, os mitos, a pesca, a escravidão, o poder, a vida simplória dos ribeirinhos. Inexequível nas obras excluir temas como desmatamento da floresta, as riquezas, a magia, a cultura local, a religiosidade. O território Amazônico é exorbitante, cheio de história, momentos marcantes, seus primeiros habitantes cheios de tradições, visto assim, mantêm-se muito próximo dos costumes dos antepassados; pouco improvável o desligamento das crenças e tradições semeadas há séculos nesse território. Outrossim, é uma região pouco urbana, grande parte populacional vive em cidades pequenas, pouco modernizadas.

Nesse prisma a Literatura é voltada, em grande parte, para um conjunto de elementos marcantes na vida do povo paraense. Assim autores anteriores e posteriores à Dalcídio Jurandir tendem a manter o tradicional, falando da magia, do fantástico, do imaginário, das crenças, das relações sociais, entre outros.

Bella Pinto de Souza escreveu entre outros, "Cachimbinho - Um Menino da Amazônia" (2002), retratando as crenças e costumes, onde o Curupira ajuda o menino do interior a proteger a natureza. Humberto Cunha lançou em 1989 "As garças estão maduras", com o personagem Toca tentando salvar a mãe d'água que encontra-se presa na barragem de Tucuruí, mediante auxílio de Nossa Senhora da Conceição; mais uma obra em que surge mitos e lendas e a religiosidade. Na produção "Em quase Outono" de 2007, João Carlos Pereira, trás como títulos de suas crônicas





"Entre o arraial e a quermesse", "Um presente para Nossa Senhora", "Bom Círio ou feliz Natal?", revelando o quanto autores e leitores combinam-se em manterem-se ligados aos elementos culturais, o quanto é forte e relevante a vida religiosa e mítica dentro da Literatura Paraense. Em "Canto nosso do nosso canto - antologia de poetas da AABB Belém" (1984), Emir Filho em seus poemas retrata "História da Amazônica" e "Onde as lendas se acabam", reforçando a tradição impregnada na veia dos escritores que aprendem desde cedo ou com pais ou avós um acervo variado de temas emergentes tanto em contos, mitos, lendas e poesias.

Com Dalcídio Jurandir não podia ser diferente. Paraense nato soube ficcionar o que vivenciou em suas viagens pelo Baixo Amazonas e pôs em seu romance *Marajó* toda uma realidade presenciada por ele, recheada de tradição, costume, cultura. O romance chega, sem exageros, a confundir o que é ficção e o que é realidade. A verossimilhança passa despercebida neste romance, tendo em vista, a proximidade entre o real e o irreal. O professor Luiz Guilherme dos Santos Júnior em sua dissertação: Tra[d]ição e o jogo da *diferença* em *Marajó*, de Dalcídio Jurandir, definiu bem a Tradição da Literária da Amazônia fazendo um comparativo entre autores e obras paraenses com mais expressão, autores cujas obras serviram de análise e estudo

Dentro desse processo de crítica em relação à situação do homem amazônico, Inglês de Sousa, Abguar Bastos e o próprio Bruno de Menezes, como afirma Paulo Mendes, "prepararam" o caminho para o advento da ficção de Dalcídio Jurandir, que, seguindo os passos do romance moderno e dos estudos sobre o contexto cultural do extremo Norte, vai "explorar", através da literatura, uma nova história cultural e literária da Amazônia. Como afirma Vicente Salles (1992, p.368), "Não é possível escrever a história social paraense sem o conhecimento da obra de Dalcídio Jurandir". (SANTOS, 2006, p. 33).

A citação remete-se a identidade e as problemáticas vivenciadas pelo homem amazônico, reforça que autores anteriores a Dalcídio Jurandir, já mencionavam problemas sociais e raciais, as relações de poder entre patrão e empregado, a mulher submissa, focalizavam mitos e lendas, no entanto, saindo do secular poema, dos tradicionais contos, mitos e lendas, das evidentes crônicas, adentrarem-se na coleção Ciclo do Extremo Norte, passa-se, então, entender todas as problemáticas acometidas pelo homem amazônico, suas aflições, medos, angústias, através da prosa dos romances dalcidianos. Apesar de todo um repertório rico e crítico em suas obras, muitos leitores deixam de apreciar os romances de Dalcídio Jurandir pela complexidade de sua retórica. Em *Marajó*, por exemplo, com um discurso minuciosamente elaborado, uma técnica capaz de conduzir o leitor, ora, dentro do mais culto nível da língua, ora, dentro da informalidade na voz das personagens retratando a forte variante linguística regional presente em *Marajó*.

Mesmo sido publicada a primeira versão de o *Marajó*, em 1947, ainda hoje tem-se a impressão de que essa obra é atual pela evidente credence nas estórias, pela fé infinita do homem,



pela superstição, pela magia. O diálogo entre o ficcional e o real entre o que há dentro e fora do romance *Marajó* deixa claro uma ligação pouco desvinculada, pois seja em versos ou prosa, em poemas, contos, crônicas ou romances, a tradição de Literatura de Expressão Amazônica ressurgiu modernizada com temas semelhantes, um olhar diferente.

Assim, “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente”. (GIDDENS, 1997, *apud* SANTOS, 2006, p.80). O fato é que estamos constantemente fazendo o intercâmbio entre passado e presente, quase inevitável para os leitores, especialmente de gêneros textuais mais longos como os romances, não chegar até essa porta que vai e vem, sem que nossa memória não caminha entre o dantes e o agora. Jurandir não eximiu-se de falar do antes, da nostalgia das grandes caçadas, das boas noites em roda com os amigos desfrutando das belas histórias, não esquivou-se de mencionar a vida simples do caboclo marajoara mas com contato com a natureza, das ladainhas em Latin, do tempo em que uma comunidade viva agindo como povo intimamente ligado em pró do coletivo.

#### 4. ANÁLISE DO ROMANCE "MARAJÓ"

A primeira obra do Ciclo do Extremo Norte é "Chove nos campos de Cachoeira, na qual, surge o herói dalcidiano Alfredo, em todo o ciclo este personagem é o protagonista, com exceção da segunda obra "Marajó", em que dá lugar a Missunga, o príncipe-herói, filho do Coronel Coutinho. Poderoso fazendeiro que de forma ilícita usa de seu poder para conseguir mais terras e objetiva ver o filho Missunga tornar-se doutor, para isso, manda-o estudar fora do país; meta esta, baldada. De volta à cidade de origem vai vivenciar relações complexas e tumultuosas com seu genitor, com várias mulheres e demais personagens. Situações que envolvem misticismo, fé, amor, exploração, medo, sofrimento, morte. Ao analisar esta segunda obra, resume Santos Junior (2006)

*Marajó* apresenta uma série de rupturas que começa pelo tempo, passa pela configuração do espaço, pela articulação da linguagem e pela composição dos personagens. O romance *Marajó* aglutina esses elementos em um processo que não permite um natural “desvendamento” das possibilidades múltiplas de significação. Desse modo, entende-se que o romance de Dalcídio Jurandir se projeta como escritura “movediça”, na qual as “vozes” textuais se duplicam criando uma narrativa plural e ambígua a partir de seus “pontos de fuga” que vão da tradição oral à incorporação de escrituras clássicas do cânone literário. Segundo esse ponto de vista, o romance *Marajó* é, sobretudo, uma escritura “diferencial”; tomando de empréstimo as palavras de Barthes (1992, p.37) em *S/Z*. A composição narrativa da obra “se articula no infinito dos textos, das linguagens, dos sistemas: uma diferença à qual cada texto retorna”. (SANTOS, 2006 p. 42-43)

O tempo que mede o espaço desta narrativa parece estático, imóvel; Tudo ali anda segundo as ordens do Coutinho-pai - a imagem do coronelismo - "Coronel queria ter o povo na mão. Terra

por terra ele tinha que enjoava. Queria terra que tivesse povo. Povo ficava agarrado a ele como turu dentro do pau [...]" (JURANDIR, 1992, p. 16). Nada podia desviar dos olhos do coronel. De maneira crítica e irônica, Jurandir emerge as relações de "superioridade" dos ricos/brancos sobre os negros/pobres - "... na verdade, os pobre estão no mundo para levar tudo pela cara. Os brancos desconhecem a vergonha dos pobres. Não sabem que a gente se envergonha, tem muitas vezes uma doida vontade de enterrar a cabeça no chão, de dizer nomes, bater e cuspir?" (JURANDIR, 1992, p. 63)

PACHECO (2009) ao analisar Marajó formula um conceito muito coerente ao dizer que

Em tom poético, mas transpassado por um realismo a reconstituir aquele teatro vivo de escravizados homens em luta por sua existência, Dalcídio, ao recriar o sofrimento humano, conduz o leitor às pulsações da dor, da desesperança, dos tropeções de solitários caminhos repetidos cotidianamente por marajoaras pobres. (PACHECO, 2009. p. 13)

Dentre as muitas formas analíticas sobre o vasto número de abordagens que podem ser feitas ao romance, Goulart comenta assim

Quanto aos aspectos substanciais na qualificação do segundo livro de Dalcídio, [...] tem-se um painel em que as relações humanas dão a ver situações que vão da evocação de tempos seminais atinentes à ultrapassagem da animalidade até aqueles em que a provisoriade do homem alcança o ser para situá-lo nos limites de uma insuperável condição trágica, condição que mostra o homem como um ser contingente e limitado, debatendo-se, inutilmente, contra as forças superiores que lhe traçam o destino. (GOULART, 2007, p. 4-5)

Impregnado de recursos temáticos, o romance realça a vida simples dos moradores, o convívio com a natureza, a sobrevivência através da pesca, da caça, da agricultura, o pouco que têm os muitos e os muitos que têm os poucos, em uma infinita dor daqueles cuja vida angustiada se desenvolve em trabalhar e serem acometidos por sofrimentos, infortúnios e desventuras:

— Seu Missunga, Tenório caiu do açazeiro, se estrepou no terçado.  
Alguns homens e crianças atacados de alastrim, deitados em folhas de bananeiras.  
Faltava mantimento. [...]  
Um homem lhe apareceu com um tumor no braço, queixando-se que a mulher gritava com uma eterna dor na barriga. Outro a levantara enxada, havia botado sangue pela boca no roçado. Aquilo era o celeiro do mundo, o celeiro do mundo.  
Celeiro do mundo é a mãe de quem disse — resmungou Missunga e o olhar de Alaíde era de incompreensão e tristeza. (Marajó, 1992, p. 75)

Marajó apresenta fortemente a secular disputa entre a riqueza e a pobreza, antagonismo de uma região rica em seres vegetais, animais. Onde "Meninos nus e ariscos fomeavam no quarto escuro onde o amor, a miséria e a morte se confundiam" (JURANDIR, 1992, 103). A denúncia não para por aí, adultos também têm a infelicidade de fazerem parte de situação semelhante: "Trepados nos currais, nas porteiras, nos galhos baixos das árvores, os vaqueiros comiam em cuias e pratos de barro as gordas carnes mal assadas". (JURANDIR, 1992, p. 103). Esta ficção não encontra-se distante da real, pelo contrário, leitores ao entrarem em contato com o romance terão em muitos





momentos familiarização, sentirão personagem também por conta do realismo presente na obra, visto assim Pacheco (2009) comenta que

Utilizando-se, com virtuosidade, de uma linguagem cujas marcas da oralidade regional são preservadas, Dalcídio traz à tona as dimensões de vivências de diferentes grupos sociais, em suas maneiras desiguais de viver as contraditórias dimensões de miséria social, riqueza e esbanjamento. As histórias, aventuras e desventuras da região são contadas a partir da valorização de ações e reações de personagens do seu mundo real, consentindo-lhes o direito de falar, gritar, reclamar e deixar conhecer seus sofrimentos, conquistas, intrigas, projetos, em meio a uma natureza peculiar que dita regras de convivências. (PACHECO, 2009, p. 8)

É pouco improvável Jurandir não mencionar entre outros temas a religiosidade e o misticismo. A relação entre os homens e os santos, entre a humanidade e Deus, que é sempre relevante em muitas obras, ele mostra que "[...] numerosos brasileiros rurais da região amazônica conservam as crenças populares e até mesmo nos distritos das classes mais baixa das cidades do Amazonas, os pajés curam pelos velhos métodos dos índios nativos" (WAGLEY, 1988, p.61). E que "as pessoas não abandonam com facilidade suas crenças tradicionais, mesmo em face de explicações mais racionais, uma vez que a experiência lhes confirma os pontos de vista gerais". (idem, 1988, p. 218). Impossível não observar essa credence na narrativa de Dalcídio, bem como, não notar que ricos ou pobres, as pessoas não se afastam de Deus e dos Santos. Ressalta-se ainda que os santos são protetores, com poderes benevolentes, aos quais podem pedir auxílio e proteção". (idem, 1988, p. 221-222.).

## 5. A RELIGIOSIDADE DALCIDIANA EM “MARAJÓ”

A Amazônia marajoara é uma região mesclada por culturas indígenas, europeias e africanas, assim os habitantes dos campos e florestas, em seus modos de conviver com crenças nos poderes dos pajés, feiticeiros, curandeiros, pais de santo, nos milagres dos santos e no poder de Deus, em situações complexas, ora recorrem aos homens mágicos e seus companheiros espíritos, ora recorrem à bênção via milagres ou dos santos ou de Deus. Outrossim, a religiosidade no romance Marajó é marcada por infinita fé, promessa, medo, superstição. Segundo Maués (1990, p. 34) “o catolicismo, pajelança, espiritualismo e outros se unem em graus variáveis para formar o corpo de crenças e práticas mágico-religiosas da população amazônica”. Toda essa prática religiosa é antiga, mas sobrevive mesmo diante de um mundo moderno, cheio de recursos tecnológicos.

Mesmo nas nossas grandes metrópoles, as crenças em magia persistem face aos conceitos científicos mais modernos. [...] A ciência não conseguiu penetrar total e "profundamente" nas grandes massas da população, nem se difundiu

"exteriormente" até os que vivem nas áreas marginais de nossa civilização (WAGLEY, 1998, p. 218)

Esta citação faz jus ao que Jurandir destaca em situações nas quais alguns personagens preferem tratar-se com um curandeiro ao trata-se com um médico.

- Não. Não vou me consultar no Rio. Viaja-se muito, gasta-se nada se consegue. Vou consultar mestre Jesuíno.  
 - Mestre Jesuíno, em Soure? Mas um paje?  
 - Que sabe a respeito dos pajés? Que sabe sobre a força do desconhecido?  
 - Então acredita?  
 - Por que não? Vou porque meu coração me pede e minhas filhas. (JURANDIR, 1992, p. 154)

Isso não é esporádico em situações reais, visto que ainda hoje consultar um curandeiro parece tão natural quanto um cidadão rogar por uma bênção dos céus diante de momentos infortúnios. Dalcídio, através da voz do narrador do romance estampa como tudo começa

Ali no alpendre ela combinava com as velhas rezadeiras a ladainha para S. Miguel Arcanjo e as novenas de Maio. Os curumins lhe traziam ingênuos feixes de miriti com que ela mandava fazer gaiolas, barquinhos, presentes da terra para os amigos em Belém. (JURANDIR, 1992, p. 11).

A busca por Deus e proteção dos santos dentro da obra é infinita. Entre uma situação e outra, um rogo a Deus, a um Santo ou uma Santa; raros os lares sem a presença de um oratório, de uma bíblia, uma novena, um culto. A presença das imagens de santos e festejos em homenagem a eles é indiscutível. A narrativa traça as procissões, os milagres, os castigos, as promessas feitas e concedidas, os costumes dantes que não são distantes dos atuais.

"Vinte séculos de fé amassados de superstição e humildade saindo com um travo na voz dos rezadores. O latim perdia o mofo, a árida exatidão, a rabugem de sua velhice para ficar mesmo língua de ladainha na boca dos capitulantes. Missunga deu com a velha Benedita. Como rezava!"  
*Agnus dei... quitolis...*  
 Ouvia com indefinível azedume o *ora pro nobis* monótono pingando daquelas bocas fiéis a Nossa Senhora. [...] (JURANDIR, 2008, p. 24).

Dalcídio demonstra nessa passagem que a ligação do povo marajoara com Deus está presente desde o princípio da colonização, é a afirmação e confirmação de que o povo não abandona com facilidade suas tradições. "Nas fazendas admita todas as religiões, submetia-se ao padre e ao pajé. (JURANDIR, 2008, p. 46)

## 5.1 Culto aos Santos: Fé ou Medo?

Para Galvão (1955, p. 43) "O catolicismo é na sociedade rural da Amazônia, uma superestrutura, uma ideologia, que se sobrepõe a crenças locais, porém por si só incapaz de ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



responder a todas as exigências do meio". Ao dizer isso, o autor tenciona dizer que, mesmo acreditando-se nos poderes dos santos, há situações nas quais as pessoas não recebem suas bênçãos ou intercessões e recorrem para outros meios. "(...) O catolicismo do caboclo amazônico é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de "santos de devoção" identificados a comunidade (...)". (Idem. 1955, p.4). Sendo que "essa situação é mais ou menos a mesma em toda a Amazônia brasileira" (WAGLEY, 1988, p.79).

Mas a final de contas, milagres existem? Por que as pessoas mudam de religião? Por que alguns santos são tão adorados e venerados e outros não? O que leva as pessoas a manterem a fé nos santos? Pouco se explica a esse respeito, para Galvão (1955, p. 42) "Existe um padrão de atitudes e de relações para com os santos que se define sob a legenda de *respeito*".

"Missunga realmente havia feito aquilo e com um homem que vivia metido com o livro de S. Cipriano? Não via que o leproso era capaz de atirar praga contra Felicidade? Esse pensamento a fez estremecer." (JURANDIR, 2008, p. 74). Nesse trecho percebe-se a presença do medo, pois o respeito muitas vezes vem acompanhado do medo, o medo de um castigo, de uma praga. "Acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidade de milagres e maravilhas que outras entidades não possuem." (GALVÃO, 1955, p. 40)

Missunga examinou os remédios contra a asma, o maço de receitas que estava no oratório. Numa redoma de vidro cheia d'água a pequena imagem.

— Nossa Senhora dos Navegantes, lhe explicou a filha do administrador.

— Já gosta de santo, Manuel Raimundo. Você não era crente?

Manuel Raimundo ergueu-se, suas mãos tremiam, e caiu ansioso na rede.

— Não se pode contrariar uma coisa que vem do princípio do mundo, meu filho. Aonde anda o Antônio pra vir me dar a injeção? A injeção é o que me alivia. Não sei o que faço com esta doença. Comprei os remédios mais caros. Veja como estou com a carne dura de injeções, dura, inchada. E, meu filho, não se meta com os vaqueiros. Sabe a responsabilidade. Não se meta. Vem do princípio do mundo. A humanidade é ruim, meu filho. Isto tem na Escritura.

Não há salvação para tanta gente.

— Manuel Raimundo, você não desculpa o erro alheio?

— Mas uma coisa é desculpar o erro alheio e outra é administrar. Você se admira porque tenho santo no oratório. Não é por medo. Foi porque senti que é preciso ter. A fé é do princípio do mundo. E da Escritura. (JURANDIR, 2008, p. 115)

Muitas vezes, como mostra a passagem acima, tenta-se esconder a confiança nos ídolos, por serem basicamente imagens "criadas pelo homem", mas o medo de "retaliação" cria uma fé que não deixa desligar-se dela (a imagem); oculta a imagem, a fé fica no íntimo. Isso é muito marcante no catolicismo popular em "Marajó", pois ressalta que, assim como os santos ajudam, dão proteção, operam milagres, eles castigam. Na busca incessante pela paz, harmonia do espírito, a salvação da alma, as diferentes populações do Marajó mantêm traços semelhantes ao que acontece na ficção



dalcidiana; a fé é necessária, é a força maior que move as pessoas a recorrerem às igrejas católicas, evangélicas, espíritas, às seções de pajelança. A confiança nos santos, é a fuga das mazelas, das punições dos ídolos, é o medo de uma repreensão que aumenta a fé, que aproxima o devoto ao ídolo. Dalcídio mostra que é a fé apresentada nas Escrituras que rege o respeito e a devoção.

"Coronel Coutinho queria sua fortuna abençoada pelo Divino, mandava Santa Luzia em procissão abençoar os currais. Todo santo que aparecesse.

- Não quero complicação com os santos.

[...]

- Quero meu gado na graça de Deus"(JURANDIR, 2008, p.86)

## 5.2 Tradição, Costume e Promessa

Para Wagley (1988, p. 218) "a região Amazônica, isolada por tanto tempo dos centros da técnica e da ciência, conservou muitas crenças e magias". Até pelo difícil acesso às comunidades habitáveis existentes dentro da região marajoara é que, o que se cria lá dentro, torna-se árduo deletar. Uma vez, então, feita a promessa, costuma-se fazer, cumprir e pagar, assim surge a tradição, assim

A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa". Cumprindo aquele sua parte no contrato, o santo fará o mesmo. Promessas "são pagas" adiantadamente, para obrigar o santo a retribuir sob a forma do benefício pedido. (GALVÃO, 1955, p.42)

As promessas ocorrem geralmente em situações em que o devoto encontra-se em situação desfavorável, seja na família, no trabalho, nos negócios, na saúde, enfim. Segundo Galvão (1955) a

comunicação ou aproximação com o santo para dele obter auxílio se faz sobretudo, através das ladainhas e novenas, independente de tratar-se de orações na igreja ou capela, ou nos pequenos oratórios domésticos (...). Feita a promessa seu cumprimento é mandatário, sob pena do santo retaliar com castigos ao que foge a obrigação assumida. (GALVÃO, 1955, p. 41-42).

Promessas e pedidos são variados, em todo o romance nota-se esse costume, Em relação à Nossa Senhora, "D. Ermelinda deu uma toalha linda, de promessa para a santa. Tio Rafael desinteressava-se de si mesmo para dedicar-se, tratar bem de Nossa Senhora, da sua igreja, rezando as suas novenas.[...] (JURANDIR, 2008, p.22). O protagonista do romance, evidentemente contemplou essa tradição. "Missunga prometeu um altar para Santo Ivo em Felicidade. Uma capela". (JURANDIR, 2008, p. 85).



Alguns costumes e tradições tendem a manter-se vivos bem como aparecem no romance como festas de santo, festas de promessa, ladainhas de um só dia, novena de promessa, lavantação de mastro, procissões, folia. Como podemos perceber no trecho da obra “Festa de Nossa Senhora da Conceição. Como tinha chegado depressa. [...] O leilão começava. [...] Os foliões partiram para o campinho [...]”. (JURANDIR, 2008, p.91)

"É melhor o povo ter seus santos e sua devoção de que viver como bicho". (GALVÃO, 1954, p. 86). O que caracteriza profundamente as personagens é a ligação e o compromisso deles sempre alerta na devoção com os santos. Quanto a isto Pacheco resume

No campo das religiosidades, a romancista assinalou que o marajoara é de uma credulidade máxima, capaz de ultrapassar a racionalidade cartesiana, atingindo o sobrenatural. “Vive o nativo da ilha num labirinto fascinante de lendas e ‘causos’, campos e cerrados, planícies e igapós. Conserva a credence das gerações antecedentes, fiéis às suas origens indígenas (PACHECO, 2009, p.18)


### 5.3 Catolicismo X Espiritismo X Pajelança

Pontua Cavalcante (2008, p.20) "falar em catolicismo popular na Amazônia, remete a uma série de outras questões que estão inseridas no bojo desta discussão, principalmente no conflito entre a igreja católica oficial e as devoções de cunho popular". No campo religioso Dalcídio demarca idas e vindas da credence nos santos e nos pajés, na força dos espíritos em ajudar os curandeiros. O catolicismo de Jurandir é bem peculiar com que encontrou em Itá, pois "traduz muito de sua origem ibérica arcaica distinguindo-se por ênfase peculiar no culto dos santos, festas de santos, e irmandades religiosas". (GALVÃO, 1955, p. 39). O catolicismo, o espiritismo e a pajelança, ora diferem-se, distanciam-se, ora mesclam-se, hibridam-se:

No entanto, a maioria dos pajés estabelece uma distinção entre o espiritismo e a verdadeira "pajelança". [...] os médiuns [...] lidam com "espíritos do ar", vagamente considerados almas desmaterializadas, enquanto o pajé autêntico lida com "seres da água". Os pajés não percebem tão bem a diferença entre o catolicismo e a feitiçaria. Ao efetuarem suas curas usam livremente orações católicas e pseudocatólicas; persignam-se e às vezes incluem um santo em seus espíritos "companheiros". (WAGLEY, 1988, p. 232-233)

Apesar das diferenciações entre essas três correntes: catolicismo, espiritismo e pajelança, as pessoas não estão preocupadas em estabelecer uma relação de quem é melhor, ou sobre o que é certo ou errado, pois o que elas buscam é sempre seu bem estar, às vezes, recorrem à ciência, às vezes, à magia





As duas correntes, o pajeísmo e o catolicismo popular, não entram em conflito; cada uma delas serve seu próprio objetivo. Os santos, velam pelo bem-estar da comunidade e, através do mecanismo de promessas, concedem favores e até mesmo curas. O pajeísmo liga-se a influências mágicas, curando doenças causadas por poderes sobrenaturais maléficos e por bruxarias. (WAGLEY, 1988, p.233)

No trecho abaixo percebe-se o conflito e aproximação entre as correntes, um vez que o personagem Manoel Rodrigues, era católico, mas após voltar de Belém, diz estar convertido e que agora é espírita, equivalente a um pajé.

Ora, em Paricatuba, Manuel Rodrigues ia dirigir a sessão na casa de seu Felipe. Tio Rafael não acreditava na regeneração do profanador de Nossa Senhora. Dizia na porta da igreja que os espíritas eram uns novos pajés. Lembrassem sempre o herege que dançou com Nossa Senhora e fez que Santo Ivo abandonasse Ponta de Pedras. Manuel Rodrigues, mandou dizer a Rafael que lhe perdoava. Rafael, ainda na provação, era vítima dos padres, profanava o nome de Deus com folias, ladainhas e presépios. (JURANDIR, 2008, p. 96)

#### 5.4 Feitiço, Panema ou Castigo?

A superstição é muito relevante na obra dalcidiana, em especial em Marajó, a priori mostra castigos sofridos, a má sorte, feitiços. "O poder de advinhar é uma capacidade atribuída a todos os pajés (...). Panema brava, assombrado de bicho, "febres" e feitiçaria exigem o recurso do pajé". (GALVÃO, 1955, 132-133). Isso quando o habitante do baixo amazonas é afligido por doenças, na maioria das vezes.

A importância dos pajés é tão grande que o personagem Ciloca, comenta: "- Se me perguntassem o que queria ser na vida, responderia: ser Pedro Malazarte mas um Pedro que também tivesse o poder do pajé sacaca que anda pelo funda d'água." (JURANDIR, 2008, p.136). Esse juízo, essa estima, reforça o quanto representa um pajé. Considerando que os desejos da pessoas, bem como o do Coronel Coutinho era ver o filho, um doutor, para Ciloca era tornar-se pajé daqueles cujo poder era submergir na água transformando-se em ser aquático e dentro de instante emergir em outro lugar.

Na desqualificação, no despreparo, na falta de prática, quando as coisas dão erradas, atribui-se à má sorte, à panema. É o que acontece com Missunga quando vai à caça e nada consegue matar:

O Príncipe não havia de comer um tatu com a bala de sua espingarda. (Benedito ouvira Coronel dizer: — Lá vai o Príncipe para as suas caçadas reais, ele pensa que é no tempo das Cortes de França...) Os bichos perdiam o tempo brincando com o Príncipe aparando as balas com as folhas das árvores. Caçadores da redondeza não se podiam conter, desolados, ouvindo tanta munição se perder. Lhe traziam, no aturá, veado gordo, cotia, paca. Missunga exclamava, risonhamente despeitado:  
— Vocês são uns curados, seus diabos!

Pedia defumação, ia ouvir lições de seu Felipe, usava quanto amuleto havia para caçador e nem um periquito por desgraça. — Aposto que esses cachorros têm culpa. São empanemados. Mulher prenha comeu embiara deles, aposto. (JURANDIR, 2008, p. 14-15)

A crença em mal olhado, quebrando, bruxaria ou feitiçaria, não são deixados de lado, em muitas passagens nota-se a presença de tais elementos "supersticiosos":

menino acreditava nos poderes do dente de boto. Já o primeiro dente que sua mãe lhe colocara no pescoço até hoje não sabia como perdeu. Sem o dente podia apanhar quebranto. [...]" (JURANDIR, 2008. p. 33)

Em outra situação verifica-se a superstição quanto ao “assombrado” e a imagem do pajé

[...] O olhar do pirarucu o flechou. Quando Marcelino sofre o ataque, pede, no transe, para levarem ao rio, é o peixe quem o chama. Só mestre Jesuíno, o tão falado pajé de Condeixa, poderia curar Marcelino. Ormindá queria levá-lo, bem cedo o levaria. Assim pudesse. Santo Ivo havia de aparecer para tomar conta da capela. (JURANDIR, 2008, p.63)

A presença da magia, do sobrenatural, a credence em acontecimentos em casos inexplicáveis, para uns, são fatos reais para outros. Independente da nomenclatura: feitiço, panema, castigo ou até mesmo praga, difícil é para os céticos acreditarem e os crentes desacreditarem.

[...]Será criança mesmo na barriga da mulher? As parteiras discordavam nas suas suposições: quisto, filho atravessado, filho morto, falta de puxo, Capitão Lafaiete falava em albumina, em parto fora de tempo. O pajé, que a mulher tinha ficado grávida de boto e não de homem, se o filho nascesse devia ser logo atirado no rio, embora tivesse semelhança de gente. (JURANDIR, 2008, p. 44).

O certo é que nas situações em que a medicina muitas vezes não explica, ou não consegue curar, entra em cena a imagem do pajé, curandeiro, benzedor, feiticeiro, pois "eram pajés e curandeiros os que, afinal, tratavam das verminoses, febres palustres e sezões, tão comuns nas populações mais pobres das capitais, do interior do Pará e do Amazonas” (FIGUEIREDO, 2003 *apud*. PACHECO, 2010, p. 59).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo acervo antropológico deixado por Dalcídio Jurandir, pelo infinito baú histórico literário que só recentemente foi aberto, começou a engatinhar enquanto leitura propriamente dita, pela pouca valorização dada ao romancista da obra Marajó e seu Ciclos do Extremo Norte, e/ou aos autores paraenses, nota-se o quanto Marajó, a região amazônica em si é olhada, pouco vista, marginalizada, em verdade, pouco conhecida. O conceito maior é dado como uma região

extremamente gigantesca, pouco povoada, com pessoas "ribeirinhas" descendentes de índios e negros.

Mas em um ponto não se discute, realmente o avanço tecnológico pouco progride, entretantes, a permanência de uma cultural colonial, de tradições intermináveis, permanecem muito vivas entre os marajoaras. Dalcídio não teve dificuldade para descrever o catolicismo popular na região marajoara. No seu segundo romance, dentro do contexto religioso amazônico, enfatizou a presença de diferentes grupos, com identidades culturais diversas, que se sustentam socialmente, por meio materiais e espirituais nas mais diversas experiências de vida.

Mostrou o encontro das religiões indígenas, católicas, espíritas e pajeísticas. Por meio do personagem Manuel Rodrigues, ressaltou a troca de religião, católico atuante passou ao espiritismo. Exaltou a importância do pajé por meio do Mestre Jesuíno e seu poder de cura e Nhá Leonardina. Transcreveu com excelência os elementos que regem a religiosidade e a pajelança que residem nas diversas práticas até hoje permanecem no cotidiano marajoara.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Humberto Rocha. **As Garças estão maduras**. Belém, Suyá Produções Gráficas Ltda., 1990.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*, (Brasiliana, 284) São Paulo: Nacional. 1955.

GOULART, Audemaro Taranto. *Marajó: "A isto é que se chama um mundo!"* (2007)

LOBATO, Celângela; EMIR, Filho; FERREIRA, Mauro José. **Canto Nosso do Nosso Canto - antologia de poetas da AABBBelém**. Faladonga Editora, Belém-Pará, 1984.

NEVES, Ivânia dos Santos; RABELO, Eleni Bonifácio. (UNAMA). **Identidades Religiosas no Romance Marajó de Dalcídio Jurandir**. Revista Estação Literária. Londrina, Volume 13, p. 193-207, jan. 2015. www.uel.br. Acessado em: 11/04/2015

PACHECO, Agenor Sarraf. **História e Literatura no Regime das Águas: Práticas Culturais Afroindígenas na Amazônia Marajoara**. Universidade da Amazônia-UNAMA, Belém, Brasil (2009)

PACHECO, Agenor Sarraf. *Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas*, 2010.

PEREIRA, João Carlos. **Quase Outono: crônicas** / João Carlos Pereira. - Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2006.

PRESSLER, Gunter Karl. **Dalcídio Jurandir - A Escrita do Mundo Marajoara não é regional, é Universal**. Universidade Federal do Pará – UFPA, 2002. Disponível em www.gelne.org.br. Acessado em: 11/04/2015.

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



SANTOS JÚNIOR, Luiz Guilherme dos. **Tra[d]ição e o Jogo da *Diferença* em Marajó**, de **Dalcídio Jurandir**. Dissertação de Mestrado. Belém, 2006.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Guilherme dos. **Literatura Paraense: autores e obras**. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Revisando o Marajó: um arquipélago sobre a ótica da Ciência, educação, Cultura e Diversidade*. Belém: EDUFPA, 2006.

SOUZA, Bela Pinto. *Cachimbinho: um menino da Amazônia* - 2ª Edição, Belém, 2002

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica - estudo do homem nos trópicos*. 3ª Edição. Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1988.